

O resumo como atividade de significação

Le résumé comme activité de signification

Cristiane Dall CORTIVO-LEBLER*

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC/BRASIL

RESUMO

A produção de textos acadêmicos, especialmente resumos, é uma das atividades a que os docentes recorrem com muita frequência para avaliar o entendimento que um aluno teve de determinado texto cuja leitura lhe foi solicitada. Essa atividade, entretanto, requer, além da habilidade de leitura e escrita – especialmente da escrita acadêmica –, também o conhecimento a respeito do modo como se constroem resumos. Neste trabalho, propomos algumas reflexões a respeito da escrita do gênero resumo, especialmente com relação a um dos mais importantes aspectos envolvidos nessa atividade de escrita: a seleção do conteúdo semântico do texto base que deverá constar no resumo. Como suporte teórico, para o desenvolvimento desta pesquisa, escolhemos a Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Marion Carel e Oswald Ducrot.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Sentido. Resumo acadêmico.

*Sobre a autora ver página 31.

RÉSUMÉ

La production de textes académiques, spécialement les résumés, est une des activités que les professeurs utilisent avec fréquence pour évaluer la compréhension que un élève a eu à propos d'un texte dont la lecture lui a été demandé. Cette activité nécessite la capacité de lire et d'écrire – spécialement la capacité d'écrire des textes académiques – et aussi la connaissance de la façon comment les résumés doivent être construits. Dans cette travail, nous nous proposons à faire quelques réflexions à propos de l'écriture de textes du genre discursif résumé, spécialement en relation a un des plus importants aspects impliqués dans cette activité d'écriture : la sélection du contenu sémantique du texte de base qui aura lieu dans le résumé. Pour réaliser cette réflexion, nous adopterons la Théorie de L'argumentation dans la Langue, développée par Marion Carel et Oswald Ducrot.

MOTS-CLÉS: Argumentation. Sens. Résumé Académique.

1 Introdução: uma palavra sobre a fala e a escrita

Desde o momento em que nascemos e tomamos contato com a língua materna, um dos processos que mais tem instigado pesquisadores tem início: a aquisição da linguagem. Tal processo compreende a aquisição de diferentes aspectos da linguagem, metodologicamente segmentados: o aspecto fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. As correntes teóricas que tentam explicar esse fenômeno são inúmeras e embasadas em diferentes pressupostos. Entretanto, o aspecto da aquisição da linguagem ao qual desejo me referir é bem pontual: a criança não necessita de intervenção formal para adquirir uma língua, basta que haja o contato com falantes para que o processo se inicie, se desenvolva e se consolide ao longo de um curto período de contato com a língua falada no ambiente em que a criança cresce e se desenvolve.

Entretanto, algo totalmente diferente acontece com a escrita. Não nascemos programados para escrever (do mesmo modo que nascemos programados para falar, conforme afirmam determinadas abordagens teóricas) e para que isso aconteça, passamos por um longo período de

treinamento, que ultrapassa, em muitas vezes, os limites escolares: somos estimulados a escrever antes de frequentar a escola e continuamos a escrever quando a deixamos.

Tal processo não acontece do mesmo modo natural como se dá a aquisição da modalidade oral da língua. É preciso que várias barreiras sejam vencidas por meio de treinamento e intervenção escolar: o desenvolvimento da coordenação motora, a identificação da correlação fonema-grafema, a descoberta das fronteiras gráficas das palavras, o desenvolvimento da habilidade de transformar letras em palavras, palavras em frases e frases em discursos.

Embora existam inúmeras diferenças, há um aspecto que fala e escrita guardam em comum: a escrita, assim como a fala, visa a construir sentido. Neste trabalho, e nos demais trabalhos fruto do projeto de pesquisa “A escrita, a reescrita e a construção do sentido no discurso”, realizaremos reflexões a respeito do processo de escrita embasados na Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel. Nestas páginas, especificamente, analisaremos resumos produzidos no âmbito acadêmico – um dos universos no qual se requer o domínio da escrita e da leitura –, com diferentes objetivos.

Nossa proposta inicia-se com um conceito de resumo, trazido da Linguística Textual, seguido da apresentação do *modus operandi* da escrita de resumos. A seguir, apresentamos alguns conceitos da Teoria da Argumentação na Língua visando a responder às seguintes questões: qual critério utilizar para selecionar as ideias principais – e como identificar quais são as ideias principais do texto base? Nossa hipótese, baseada em Graeff (2006), é de que os blocos semânticos presentes no texto base, bem como os aspectos argumentativos assumidos pelo seu locutor, devem ser transpostos ao resumo, uma vez que um resumo visa a reproduzir o sentido – e não a forma – do objeto do resumo: o texto base. Trazemos a análise de um texto base e de um resumo produzido a partir dele, visando à verificação da nossa hipótese. Por fim, fazemos algumas considerações a respeito da escrita de resumos a partir do viés teórico escolhido para embasar este trabalho.

2 O conceito de resumo

A capacidade de sintetizar acompanha nosso desenvolvimento linguístico e cognitivo e está presente desde a aquisição da linguagem. Quando criança, somos solicitados a relatar oralmente eventos de que participamos, conversas que tivemos, fatos do nosso cotidiano. Mais adultos, tal capacidade segue presente no uso oral da língua, entretanto, estende-se também para a modalidade escrita da linguagem, desta vez, ligada ao âmbito escolar.

Resumir, usando a modalidade escrita da língua, é uma atividade à qual os professores, em especial os do ensino superior, recorrem com objetivos diversos: verificar a capacidade de síntese, de compreensão e de produção de discurso por um aluno a respeito de determinado tema.

Alguns autores, especialmente embasados nos pressupostos da Linguística Textual e do Sociointeracionismo, trouxeram contribuições importantes a respeito desse gênero discursivo. É o caso, para ilustrar, de Matencio (2002), Silva e da Mata (2002), Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) e Machado (2010). Para Matencio (2002), a escrita de um resumo é uma atividade de retextualização, processo pelo qual há a transformação de um texto em outro. Para a autora, existem aspectos característicos do gênero que orientam sua escrita: o universo por onde circula tal gênero (no caso deste trabalho, o acadêmico), os objetivos levados em consideração pelo autor do resumo ao produzi-lo, o propósito pelo qual tal texto foi escrito, dentre outros.

Já Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), em obra destinada ao ensino da escrita de resumos, elencam, em várias seções, o passo a passo que deve ser seguido para se redigir um bom resumo. Para as autoras, além dos aspectos indispensáveis a qualquer texto para que seja considerado um bom texto, tais como a textualidade, a correção gramatical e a adequada escolha do léxico à situação acadêmica, a escrita de um bom resumo deve seguir os passos elencados a seguir.

1.1 A sumarização como um processo essencial para a produção de resumos

O processo de sumarização das ideias presentes no texto é colocado pelas autoras como um processo mental, que ocorre durante a leitura e que é indispensável para a produção de resumos. Ele ocorre não apenas quando temos por objetivo a produção de um resumo, mas sempre que realizamos uma leitura e é orientado por algumas regras, às quais Köche, Boff e Pavani (2009) denominam *apagamento, generalização e construção*. Segundo a primeira regra, há o apagamento de alguns conteúdos, como aqueles que podem ser inferidos a partir de nosso conhecimento de mundo, apagamento de exemplos, de justificativas de uma afirmação, de termos sinônimos ou explicativos, entre outros. Já a segunda e a terceira regras se assemelham, visto que sempre que há generalização há, também, construção. A aplicação dessas duas últimas regras acontece quando há a reformulação de informações através do uso de termos mais genéricos. Pela sumarização, é possível, portanto, iniciar o processo de seleção das informações do texto base que deverão constar no resumo.

Tal processo mental de sumarização, além de ser orientado pelas regras supracitadas, é também orientado pelos objetivos que o autor do resumo tem ao redigi-lo. Esses objetivos estão intimamente ligados à situação em que nos encontramos e que motiva a escrita do resumo. No caso do resumo acadêmico, o objetivo da produção do resumo é demonstrar ao professor, destinatário do texto, que houve a leitura e a compreensão de determinado texto. O professor já é conhecedor do texto base e de seu conteúdo, entretanto, é necessário que o resumo apresente as informações centrais do texto base, de modo que o docente seja capaz de avaliar se houve ou não a compreensão do texto. Isso significa que o resumo deve apresentar independência semântica e temática em relação ao texto do qual ele é fruto, que, a partir da leitura unicamente do resumo, sejamos capazes de apreender o sentido construído no texto base e o ponto de vista assumido pelo seu locutor.

1.2 A compreensão global do texto a ser resumido e a explicitação das relações entre as ideias do texto base

A compreensão global do texto a ser resumido é uma etapa fundamental para que se possa escrever um bom resumo. Para Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), auxiliam no processo de compreensão informações a respeito do autor, sua posição teórica e ideológica – fatores, portanto, extratextuais. Além desses, as autoras destacam a identificação das ideias que o autor coloca como sendo mais relevantes, buscando identificar a posição do autor, quais argumentos utiliza para sustentar sua tese ou refutar teses contrárias e qual questão é discutida no texto que deverá ser resumido. Para se identificar tais aspectos, as autoras sugerem, além da pesquisa a respeito do autor e de palavras presentes no texto desconhecidas pelo leitor, uma leitura parágrafo a parágrafo a fim de identificar, em cada parte do texto, os conteúdos que deverão constar no resumo.

Tais ideias, posicionamentos, argumentos, uma vez identificados, deverão ser adequadamente relacionados pelo autor do resumo, respeitando as relações semânticas e argumentativas presentes no texto base através do uso adequado de operadores argumentativos. Isso porque o resumo, pelo fato de ser uma retextualização e não uma criação, não deve trazer informações que não constem no texto base, além de ser vetada a presença do posicionamento do autor do resumo. O uso dos operadores argumentativos, além de colaborar para a manutenção das relações empreendidas pelo autor do texto base no resumo, serve também para orientar o leitor na reconstrução dos sentidos quando da leitura do resumo.

1.3 Gerenciamento de vozes

O gerenciamento de vozes e a menção ao autor do texto resumido é outro aspecto importante na construção de resumos. Isso porque o resumo é um texto construído a partir de outro – a retextualização, proposta por Marcuschi (2001) – e isso deve ficar claro para o leitor do

resumo, para que este não tome como sendo do autor do resumo as ideias que, de fato, são do autor do texto base. Para isso, os procedimentos indicados são que, logo no início do resumo, seja feita a referência básica do texto base: que sejam mencionados o título do texto e o nome de seu autor. Além disso, procedimento semelhante deve ser realizado ao longo do resumo, quando da apresentação da questão central a ser discutida, da tese defendida pelo autor, bem como dos argumentos favoráveis ou contrários a ela. Esse procedimento pode ser realizado através de diferentes índices coesivos, como a menção ao nome completo do autor, seu sobrenome, através da referência ao papel atribuído a ele enquanto locutor produtor daquele texto.

O gerenciamento de vozes aparece no texto na medida em que o autor do resumo interpreta os vários tipos de atos realizados pelo autor do texto base. Tais atos não aparecem de modo explícito no texto a partir do qual será feito o resumo, mas requerem que o autor do resumo os interprete e os transponha para o novo texto. Os atos realizados pelo autor do texto base vão desde argumentar em favor de determinada tese, definir determinado conceito, exemplificar, conceituar, descrever, classificar, caracterizar, acreditar, esclarecer ao leitor, discorrer, finalizar, entre outros.

O gerenciamento de vozes e a menção ao autor do texto base aparecem como uma espécie de descrição de ações: o autor do resumo descreve os atos realizados pelo autor do texto base e os relaciona aos conteúdos dele extraídos, respeitando a linearidade e a ordem em que as ideias são apresentadas.

Consideramos que o roteiro apresentado acima é, de fato, um excelente guia para o estudante universitário, em especial àquele que se encontra no início de sua vida acadêmica e começa a ter contato com gêneros cuja compreensão requer conhecimento teórico e familiaridade com o discurso que circula no meio universitário. Entretanto, do ponto de vista discursivo, restam ainda algumas questões, cuja resposta, parece-nos, não pode ser encontrada no roteiro sugerido: qual critério especificamente deve ser utilizado para a seleção das ideias principais

– e como identificar quais são as ideias principais do texto base? É, de fato, possível que haja anulação total do ponto de vista do locutor que produz o resumo? Não seria a simples escolha vocabular e de ideias já algo subjetivo? Neste trabalho, buscaremos responder apenas à primeira das questões e, para isso, propomos uma reflexão a partir da Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida atualmente por Oswald Ducrot e Marion Carel.

3 Análise de resumos segundo a teoria da argumentação na língua

3.1 Da construção desta proposta

Para os fins de realização deste estudo, foi escolhido um resumo produzido por alunos de uma disciplina de Produção de Textos Acadêmicos a partir de um texto base que lhes foi sugerido, do gênero artigo de opinião, denominado “Os pássaros, a canção e a pressa”, de autoria de Roberto Pompeu de Toledo e publicado na Revista Veja edição 1371. O texto escolhido para a análise apresentada neste trabalho foi selecionado a partir das características propostas por Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), acima mencionadas, como critérios a que devemos obedecer para escrever um bom resumo.

3.2 Alguns conceitos da ANL aplicados à análise de resumo

A Teoria da Argumentação na Língua foi escolhida para fundamentar esta pesquisa uma vez que é capaz de oferecer respostas às questões acima mencionadas, que trazem subjacentes dois princípios: a questão da subjetividade e a questão da construção do sentido. Como neste trabalho abordaremos apenas duas das questões arroladas, os conceitos trazidos são aqueles necessários à análise e à discussão sobre a escrita de resumos como a transposição do sentido do texto base para o resumo.

Para compreendermos o modo como a ANL pode contribuir para elucidarmos as questões mencionadas acima, convém definir que

tipo de estudo semântico tal teoria se propõe a fazer e quais são suas bases teóricas.

A Teoria da Argumentação na Língua tem como objeto de estudo o sentido construído na e pela língua. Tal afirmação encontra base na própria denominação dada pelos autores à teoria, bem como no *slogan* frequentemente por eles utilizado, que afirma que *a argumentação está na língua*. Ser argumentativo, segundo a ANL, significa ter um sentido.

O estudo do significado como algo constitutivo da língua nasce, por um lado, como uma oposição à concepção tradicional de sentido, proposta por Karl Bühler (DUCROT, 1990b), segundo a qual a língua possuiria três indicações semânticas: as objetivas, as subjetivas e as intersubjetivas. Para Ducrot (1990b), apenas as duas últimas indicações semânticas são constitutivas do sentido construído pela língua, uma vez que esta não possui, segundo o autor, um componente objetivo. Por outro lado, a Semântica Argumentativa – também denominada Semântica Linguística – nasce ancorada no princípio saussuriano de valor (DUCROT, 1987; DUCROT, 1990a; DUCROT, 2005; DUCROT, 2006). Isso significa dizer que “um objeto só pode ser descrito em relação a outros objetos, e que não há, se tomarmos as palavras ao pé da letra, nenhum sentido em visualizá-lo ‘em si mesmo’” (DUCROT, 1987, p. 67). Para Ducrot, a ANL é uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica linguística, uma vez que considera que o significado de uma expressão encontra-se nas relações dessa expressão com outras expressões da língua (DUCROT, 2005).

Atualmente, a ANL desenvolve-se em uma fase denominada Teoria dos Blocos Semânticos. Tal fase segue fiel ao valor linguístico herdado de Saussure e segue considerando que o sentido das palavras do discurso se define por meio das relações que se estabelecem com outras palavras, por meio daquilo que Carel e Ducrot (2005) denominam *encadeamento argumentativo*.

O encadeamento argumentativo é constituído pela relação entre dois segmentos, X e Y, expressa por um conector, que pode ser do tipo *portanto* ou *no entanto*. Da interdependência semântica entre os dois

segmentos, nasce o que os autores denominam *bloco semântico*, ou seja, o sentido advindo especificamente da relação entre *X* e *Y*, ao qual subjazem os *aspectos argumentativos*. Os aspectos argumentativos são as diferentes faces de um bloco semântico, ou seja, de uma certa interdependência semântica entre os termos *X* e *Y* que tem como resultado a construção de um sentido – fazemos referência, aqui, ao conceito de *valor* trazido por Ducrot da obra saussuriana, que pressupõe relações entre elementos de mesma natureza (neste caso, portanto, os elementos são de natureza linguística). Tal bloco semântico pode tomar forma por diferentes combinações entre *X* e *Y*, além dos conectores *portanto* e *no entanto* e da negação.

Vejamus um breve exemplo. Se se diz que *Maria está feliz porque encontrou um emprego*, constrói-se a partir dos segmentos *X = encontrar emprego* e *Y = estar feliz* um bloco semântico que afirma que *a felicidade está ligada ao trabalho*, relação esta expressa pelo conector *portanto*. O aspecto argumentativo *encontrar um emprego DC estar feliz* é apenas um dos modos de expressar o sentido do bloco. Existem outros, como *encontrar um emprego PT neg estar feliz*, ou *neg encontrar um emprego PT estar feliz*, ou, ainda, *neg encontrar um emprego DC neg estar feliz*. Ao produzir o enunciado acima, assume-se apenas um desses aspectos, o aspecto argumentativo que representa o bloco semântico que o locutor quer dar a conhecer ao seu interlocutor.

A noção de bloco semântico e de encadeamento argumentativo é importante para nosso estudo na medida que, se considerarmos o resumo como um texto produzido a partir de outro, do qual deve conservar elementos básicos, como a questão central que é discutida, a tese defendida pelo autor do texto base e seus argumentos a ela favoráveis ou contrários, o resumo deve conter (ou espera-se que contenha) os mesmos blocos semânticos do texto base, inclusive a apresentação dos mesmos aspectos argumentativos assumidos pelo seu locutor.

Tais apontamentos foram realizados por Graeff (2006, p. 127), para quem o resumo “ocorre pela seleção de apenas um discurso de cada encadeamento argumentativo em *donc* (portanto) ou *pourtant* (mesmo assim) associado ao bloco semântico que instaura o debate no texto”. Tal formulação significa que é necessário identificar qual é o aspecto

argumentativo do bloco semântico que instaura a construção do sentido no discurso que o locutor quer dar a conhecer ao seu interlocutor, sendo que todos os demais enunciados, que representam a progressão temática no texto base, seriam desdobramentos do bloco semântico apresentado no início do debate. A identificação do(s) bloco(s) semântico(s) e dos aspectos argumentativos assumidos pelo locutor do texto base pode ser uma resposta a uma das questões acima colocadas a respeito da construção dos resumos: que critérios utilizar e como proceder para identificar quais são as principais ideias do texto base que deverão constar na construção do resumo.

Para ilustrarmos tal aspecto, trazemos o texto base e um dos resumos produzidos a partir dele.

3.2.1 Texto base

Os pássaros, a canção e a pressa

Considerações sobre a indústria da urgência e o caso de um brasileiro que escapou dela

Roberto Pompeu de Toledo

Houve um tempo em que quem falava sozinho na rua era considerado louco. Hoje, nove casos em dez, trata-se do portador de um telefone celular, pessoa considerada normal. Esta observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antônio Carlos Jobim, mas vamos por partes, começando por um retrospecto do que tem sido a aventura humana neste século.

A aceleração do tempo é uma das características do século XX, talvez a principal delas. As coisas chegam e vão embora com impressionante rapidez. Flâmula – quem se lembra desse objeto? Nos anos 50 e 60, não havia quarto de rapaz que não fosse decorado com flâmulas – espécie de bandeira triangular homenageando clubes ou universidades, cidades ou países. As flâmulas chegaram, fizeram grande sucesso e foram embora. O bambolê teve a mesma sorte.

O século XX viu nascer e morrer o long-playing, o comunismo, o Zeppelin, Che Guevara, a admiração por Che Guevara, John Kennedy,

a admiração por John Kennedy, o charleston, o musical de Hollywood, a Iugoslávia, o radinho de pilha, os hippies, os yuppies, o bonde elétrico, o Concorde, as viagens espaciais tripuladas, o surrealismo, o gramofone, a vitrola de alta fidelidade (“hi-fi”), o hidroavião, o concretismo, o disco de 78 rotações e a União Soviética. Algumas invenções pareciam irremediavelmente destinadas à obsolescência quando experimentaram um espetacular retorno. Exemplo: camisinha. Outras pareciam destinadas a um espetacular retorno quando experimentaram o fracasso. Exemplo: o Cometa de Halley, que fez enorme sucesso em 1910 e falhou em 1986.

Pode-se alegar que em outros séculos também houve costumes, tecnologias e cometas de vida breve. Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. No curto espaço de cinquenta, sessenta ou setenta anos, passou-se do *14-Bis* ao Boeing 747, da Maria fumaça ao Trem-bala, da navalha ao aparelho Gillete Sensor, do cinema mudo ao vídeo laser, do lampião de gás ao forno de micro-ondas. Como resultado, a própria velocidade do tempo passou a ser um valor em si. Se as coisas não andam depressa, ficam aborrecidas. Parar é chatear-se, e lá vamos nós: ganância do tempo, a gula de digeri-lo, o consumo compulsivo dessa substância sem cor nem cheiro chamada tempo passou a ser a mais invencível dependência do período, a droga mais mortal. Esta é a hora dos excitados.

Nesse processo, uma das criações mais características do século foi a indústria da urgência. É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. Chegar antes dele, fazer uma hora em menos de uma hora, eis o ideal. Quem não consegue capota, está fora do ritmo, fora de seu tempo, e pronto – com isso chegamos ao telefone celular. Ele é a culminância apoteótica da indústria da urgência que caracteriza estes nossos anos. Contabilize o leitor com rigor científico: quantas vezes deu na vida, ou recebeu, um telefonema realmente urgente? Algo que não pudesse esperar meia hora, até o próximo orelhão? Comunicados realmente urgentes não são um acontecimento cotidiano. A rigor, ao longo de uma vida, talvez não sejam dois ou três – excetuando o caso dos médicos, que já têm bip e não precisam de telefone celular.

E, no entanto, os celulares se multiplicam como saúvas, brotam como capim. Centenas deles, milhares, entram em circulação a cada dia. As pessoas na rua portam o aparelhinho como se fosse uma nova peça do vestuário, ou um novo complemento, como o guarda-chuva ainda que mal comparando, pois o guarda-chuva, em sua silenciosa dignidade, não toca, não fala nem é histérico como o telefone celular. De repente, um monte de gente percebeu que tem pressa, não pode esperar, que é urgente chamar, é urgente ser chamado, é urgente, é urgente, é tudo tão urgente...

Antônio Carlos Jobim não tinha nada a ver com isso, e é por isso que é lembrado nestas linhas. Era um homem de vagares. Gostava de passarinhos, árvores, canções e poesia, quatro produtos fora do alcance da indústria da urgência. Ele andou na contramão da mistificação da pressa que se abateu sobre as vidas da esmagadora maioria de seus contemporâneos. E porque tinha uma outra percepção do tempo conseguiu, mesmo num território do efêmero como da música popular, deixar uma obra que o ultrapassa, em duração. (*Veja*, ed.1371, p.150)

3.1.1.1 Análise semântica do texto base

O texto base escolhido para a escrita do resumo está constituído por sete parágrafos. O locutor inicia seu texto, no primeiro parágrafo, usando de uma exemplificação a respeito do tema sobre o qual será instaurado o debate: a aceleração do tempo. O exemplo sobre o uso do telefone celular e a lembrança da morte de Antônio Carlos Jobim são dois temas que, aparentemente, no início do texto de Toledo, parecem não ter conexão entre si, entretanto, a aparente desconexão desfaz-se à medida que o texto progride semanticamente.

No segundo parágrafo, é possível identificar qual é o tema do texto, ou seja, qual é o bloco semântico a partir do qual o locutor desenvolverá sua argumentação, e qual é o aspecto argumentativo assumido por ele. Tal bloco semântico, como afirmado acima, nasce da interdependência de dois segmentos relacionados por um conector, seja do tipo normativo, seja do tipo transgressivo. O enunciado que apresenta a temática sobre a

qual o locutor argumentará é *A aceleração do tempo é uma das características do século XX, talvez a principal delas. As coisas chegam e vão embora com impressionante rapidez*, do qual identificamos os seguintes segmentos:

X = aceleração do tempo;

Y = fugacidade das coisas

Os segmentos encontram-se relacionados por um conector do tipo *portanto*, formando o aspecto argumentativo que o locutor assume *aceleração do tempo DC fugacidade das coisas*. Além desse aspecto, outros três são constitutivos do bloco semântico em questão, quais sejam: *neg aceleração do tempo DC neg fugacidade das coisas*; *neg aceleração do tempo PT fugacidade das coisas*; *aceleração do tempo PT neg fugacidade das coisas*. Tais aspectos são elencados paradigmaticamente, uma vez que são fruto da interdependência semântica ente os segmentos X e Y, entretanto, não são assumidos, nesse momento inicial, pelo locutor do texto base. Segundo a análise desenvolvida através dos pressupostos da TBBS, o aspecto do bloco semântico assumido pelo locutor, que instaura o debate argumentativo no texto base, é *aceleração do tempo DC fugacidade das coisas*. É a partir deste aspecto que o tema é desenvolvido e é este aspecto que deve constar nos resumos produzidos a partir do texto base.

Os parágrafos três e quatro apresentam desdobramentos desse bloco semântico, nos quais há a especificação de quais são os eventos considerados fugazes pelo locutor: o bambolê, a flâmula, o *14 Bis*, a Maria fumaça, entre outros. Os desdobramentos podem ser expressos por encadeamentos argumentativos, que apresentam particularidades relativamente ao aspecto argumentativo. Elencamos alguns encadeamentos argumentativos construídos com base no aspecto argumentativo acima mencionado: *O tempo anda depressa, portanto tecnologias aparecem e vão embora*; *O tempo anda depressa, por isso traz e leva objetos e costumes*, etc.

Entretanto, o discurso construído por Toledo não se limita a apresentar encadeamentos argumentativos que particularizam o sentido do bloco semântico. Ao final do quarto parágrafo, há a criação de uma nova interdependência semântica entre o segmento X *aceleração do tempo*

com um novo segmento Y *criação da indústria da urgência*, que dá origem a um novo bloco semântico, cujo aspecto assumido pelo locutor é *aceleração do tempo DC criação da indústria da urgência*. Os parágrafos cinco e seis apresentam-se como desdobramentos argumentativos deste bloco semântico, uma vez que há a especificação de qual objeto simboliza a indústria da urgência: o telefone celular. Tais desdobramentos, mais uma vez, podem ser expressos por encadeamentos argumentativos, exemplo: *O tempo anda depressa, portanto precisamos contatar os outros urgentemente*.

Já no último parágrafo, a relação tecida no início do discurso entre o telefone celular e o músico brasileiro Antônio Carlos Jobim torna-se, então, clara para o leitor: o locutor do discurso apresenta um novo aspecto argumentativo do bloco semântico que instaura o debate inicial. O aspecto que agora o locutor assume é *aceleração do tempo PT neg fugacidade das coisas*, transgressivo ao aspecto *aceleração do tempo DC fugacidade das coisas*, apresentado no início do seu discurso. Antônio Carlos Jobim seria, para o locutor do texto, uma exceção a todas as demais coisas por ele apresentadas e, por essa razão, caracterizar-se-ia como uma transgressão à norma – norma esta construída discursivamente pela explicitação da relação entre os segmentos X *aceleração do tempo* e Y *fugacidade das coisas* através do uso do conector no *entanto* aliado à negação.

Os dois blocos semânticos apresentados no texto, bem como os aspectos assumidos pelo locutor ao longo do seu desenvolvimento, devem ser selecionados pelo locutor autor do resumo para compor seu discurso, aos quais podem ser acrescentados outros elementos, como a exemplificação de quais eventos são fugazes e do que se trata exatamente a indústria da urgência, ou seja, os encadeamentos argumentativos arrolados acima. Sentidos não relacionados aos blocos semânticos apresentados pelo locutor do texto base não devem compor o sentido construído pelo autor do resumo.

Vejamus como essa hipótese se dá na prática.

3.2.2 Resumo

Os pássaros, a canção e a pressa

Roberto Pompeu de Toledo inicia seu texto “Os pássaros, a canção e a pressa” afirmando que a aceleração do tempo é uma das características mais marcantes do século XX. Segundo o autor, nessa época as coisas chegavam e iam embora com impressionante rapidez. Para exemplificar sua afirmação, ele pergunta ao leitor se se lembra das Flâmulas, as quais faziam parte da decoração de quartos de rapazes nos anos 50 e 60, e que se tornaram obsoletas. Além disso, o escritor elenca algumas invenções humanas no século XX, a fim de demonstrar como as coisas se desenvolveram rapidamente ao passar desse século. Ao argumentar sobre isso, Pompeu observa que “a própria velocidade do tempo passou a ter um valor em si”, e que o desejo de consumo compulsivo dele além do aborrecimento à inércia temporal, construíram dependências invencíveis no período. Dessas dependências surge, de acordo com o autor, a indústria da urgência, cuja mais importante criação foi o celular. Ao criticar a emergência verdadeira desse aparelho, o escritor questiona os leitores quantas vezes já receberam ou fizeram ligações realmente urgentes em suas vidas; o que ele mesmo responde, ao dizer que essas tais ligações são exceções na vida cotidiana. Dessa observação, o autor coloca a questão de que, para as pessoas, tudo se tornou urgente, e, por isso, elas passam a ter pressa, não podem esperar. Por fim, o escritor utiliza Antônio Carlos Jobim como imagem de serenidade em relação à vida. O compositor, para Pompeu, foi de encontro à pressa e à percepção de tempo dos seus contemporâneos, o que, ainda segundo o autor, favoreceu a marcar seu nome na música popular brasileira.

3.2.2.1 Análise semântica do Resumo

Nosso objetivo, nesta análise, é apenas levar em consideração a questão que norteou esta pesquisa, ou seja, a busca por critérios que orientem a seleção das ideias do texto base que deverão compor o

resumo. Por isso, não nos deteremos na análise das categorias propostas por Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) nos resumos escolhidos, apenas as utilizamos como ponto de partida para a seleção do *corpus* para análise.

Nesse resumo, é possível perceber que o bloco semântico a *aceleração do tempo torna as coisas fugazes*, apresentado pelo locutor do texto base no início do seu discurso, é também usado pelo locutor do resumo como introdutor do seu texto, no enunciado que recortamos: *Roberto Pompeu de Toledo inicia seu texto “Os pássaros, a canção e a pressa” afirmando que a aceleração do tempo é uma das características mais marcantes do século XX. Segundo o autor, nessa época as coisas chegavam e iam embora com impressionante rapidez.* Nesse trecho selecionado, o aspecto argumentativo assumido pelo locutor do resumo é *aceleração do tempo DC fugacidade das coisas*, tal como o faz o locutor do texto base.

A seguir, o locutor do resumo menciona, de modo abrangente, coisas consideradas fugazes graças à velocidade do tempo, que foram representadas, na análise do texto base, pelos encadeamentos argumentativos, que apresentam particularidades em relação aos aspectos argumentativos. Ainda na sequência, através do enunciado *Pompeu observa que “a própria velocidade do tempo passou a ter um valor em si”, e que o desejo de consumo compulsivo dele além do aborrecimento à inércia temporal, construíram dependências invencíveis no período. Dessas dependências surge, de acordo com o autor, a indústria da urgência*, o locutor do resumo apresenta o segundo bloco semântico presente no texto-base, resultado da interdependência do segmento X *aceleração do tempo* com o segmento Y *criação da indústria da urgência*, relacionados pelo conector *portanto*, cujo resultado é *aceleração do tempo DC criação da indústria da urgência*. Cabe ressaltar aqui que o aspecto argumentativo do bloco semântico que instaura o debate no discurso assumido pelo locutor do resumo é o mesmo assumido pelo locutor do texto base.

Ao final do seu resumo, o locutor, no enunciado *O compositor, para Pompeu, foi de encontro à pressa e à percepção de tempo dos seus contemporâneos, o que, ainda segundo o autor, favoreceu a marcar seu nome na música popular brasileira*,

introduz o aspecto transgressivo *aceleração do tempo PT neg fugacidade das coisas* em relação ao aspecto normativo que introduz a temática *aceleração do tempo DC fugacidade das coisas*, tal como o fez o autor do texto base.

4 Para finalizar

A partir desta breve análise do texto base e de um resumo produzido a partir dele, podemos realizar algumas reflexões conclusivas. Inicialmente, propomos uma resposta às perguntas formuladas ao final da primeira seção: qual critério utilizar para selecionar as ideias principais e como identificar quais são as ideias principais do texto base? Começemos pela primeira pergunta do par.

A proposta de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) é interessante e bastante frutífera no ensino da escrita de resumos. Entretanto, a alternativa oferecida pelas autoras para a seleção das ideias principais do texto, qual seja, o processo de sumarização, segundo nosso ponto de vista, analisa o texto em sua microestrutura, tendo em vista que orienta para procedimentos de reestruturação frasal a partir da exclusão de exemplos, descrições e justificativas, procedimento este que está embasado no conhecimento de mundo do leitor e futuro autor do resumo. Ora, segundo o viés analítico escolhido por nós, a construção do sentido – e aqui falamos da (re)construção do sentido no resumo – deve basear-se em critérios que orientem a seleção das ideias segundo um modo mais objetivo. O conhecimento de mundo é bastante variável de um indivíduo para o outro, o que pode gerar resultados distintos de uma produção para outra, uma vez que cada leitor-locutor partirá do seu conhecimento para sumarizar as ideias contidas no discurso a partir do qual será produzido o resumo.

Acreditamos que a proposta aqui apresentada pode ser mais eficaz, tendo em vista que analisa o sentido construído pelas relações que são estabelecidas linguisticamente. Segundo essa proposta, o critério a ser utilizado pelo autor do resumo para selecionar os sentidos do texto base que deverão ser transpostos para o resumo seria a identificação dos

blocos semânticos apresentados pelo locutor do texto a ser resumido. Esse critério, além de parecer-nos mais objetivo, pois parte daquilo que é dito no texto e não do conhecimento de mundo de um indivíduo, levaria em conta questões discursivas e semânticas, visto que o objetivo de um resumo, como apontamos no início deste trabalho, é reproduzir o sentido, e não a forma.

Com relação à segunda pergunta proposta, as ideias que deverão ser selecionadas a partir do texto base pelo autor do resumo devem ser os aspectos argumentativos dos blocos semânticos assumidos pelo locutor do texto base. Como vimos, um bloco semântico, resultado da interdependência semântica entre dois segmentos, possui várias formas de materializar-se discursivamente, através dos aspectos argumentativos. Um locutor poderá manter relações diferentes com esses aspectos argumentativos, assumindo um, concordando com outros ou rejeitando outros. Para a escrita de um resumo, é preciso que esses dois passos sejam observados – identificação dos blocos semânticos apresentados no discurso e identificação dos aspectos argumentativos assumidos pelo locutor – assim, uma das características que definem um bom resumo, a “fidelidade” ao texto base, estaria presente.

Tendo em vista as reflexões apontadas acima e o contínuo aprendizado da escrita, acreditamos que a ANL pode ser um bom subsídio para o ensino da escrita, não apenas de resumos acadêmicos, como também de outros gêneros, uma vez que seu objetivo é explicar como se dá a construção do sentido através da língua. O que nos parece é que sempre que escrevemos (ou falamos) nosso objetivo é transmitir determinado sentido e dar a conhecer nosso ponto de vista a respeito daquilo sobre o que falamos. Isso é ser argumentativo. A ANL, especialmente por estar ancorada em pressupostos saussurianos, pode constituir-se como uma ferramenta para o ensino da escrita, já que pressupõe que o sentido se constrói pela relação entre as palavras e entre frases – tratando-se, portanto, do embrião do discurso.

REFERÊNCIAS

CAREL, Marion. **L'entrelacement argumentatif**: lexique, discours et blocs sémantiques. Paris : Honoré Champion, 2011.

CAREL, Marion ; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005

DUCROT, Oswald. Estruturalismo, Enunciação, Semântica. In.: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987, p. 63-88.

DUCROT, Oswald. Anexo. In: DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Feriva, 1990a, p. 173-190.

DUCROT, Oswald. Primera conferencia. In: DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Feriva, 1990b, p. 49-64.

DUCROT, Oswald. Introducción. In.: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005, p. 11-25.

DUCROT, Oswald. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? SAUSSURES, Louis de. **Nouveaux regards sur Saussure**: Mélanges offerts à René Amacker. Genève: Droz, 2006, p. 153-170.

GRAEFF, Telisa F. Resumo de texto: hierarquização de blocos semânticos e seleção de encadeamentos. In: BARBISAN, Leci B. **A construção do sentido no discurso**. Cadernos de Pesquisas em Linguística. Porto Alegre, v. 2, n. 1, pp. 125-134, novembro de 2006.

KÖCHE, Vanilda S.; BOFF, Odete M. B.; PAVANI, Cinara F. **Prática textual**: atividades de leitura e escrita. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

MACHADO, Anna R.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, Anna R. Revisitando o conceito de resumos. In.: DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A

(Orgs.). **Gêneros Textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, Maria de L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2º sem. 2002.

SILVA, Jane Q. G.; DA MATA, Maria A. Proposta tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 123-133, 2º sem. 2002.

TOLEDO, Roberto O. Os pássaros, a canção e a pressa. **Revista Veja**, edição 1371.

Recebido em março de 2015.

Aceito em maio de 2015.

SOBRE A AUTORA

Cristiane Dall Cortivo-Lebler é Mestre e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É docente do Departamento de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Leitura e Cognição - na mesma instituição. Áreas de interesse: Sentido e Argumentação.
E-mail: cristianedc@unisc.br